

UM CONSTANTE GESTAR: REFLEXÕES SOBRE O ESPAÇO MATERNO- FEMININO NA INSTITUIÇÃO ACADÊMICA

Natália Eilert Barella¹, Eliana Rela²

¹ Universidade de Caxias do Sul, nebarell@ucs.br

² Universidade de Caxias do Sul, erela@ucs.br

Propósito

Como todo espaço dentro da estrutura patriarcal a qual estamos inseridas, o espaço acadêmico foi historicamente ocupado por homens. Ainda que em algumas áreas, como a Educação e o Cuidado, as mulheres sejam a maioria de estudantes, professoras e profissionais, somos acostumadas e seguir narrativas teóricas propostas por homens. Os homens são a grande maioria na construção das referências teóricas que utilizamos para nossas pesquisas. O que demonstra que seguimos uma lógica masculina em nossos pensares.

O que estamos buscando em nossa investigação de doutorado é a redescoberta de narrativas femininas, que englobem a percepção desse corpo fêmea que gesta novas vidas e formas de pensar, buscando desenterrar um feminino soterrado em um mundo que se utiliza das narrativas e linguagens paternas embora as nomeemos (na linguagem) como maternas.

Uma vez que as mulheres seguem sendo as principais responsáveis pelo trabalho de reprodução e criação, pouco tempo-espaço sobra para que as mulheres possam teorizar sobre suas experiências e, quando conseguem, encontram um mundo público projetado pelos e para os homens, que não possui espaço nem para as crianças nem as para suas responsáveis, ainda hoje prioritariamente as mulheres.

Revisão da literatura

No livro *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva* (2017) a historiadora Silvia Federici constrói a narrativa de como a sociedade atual se constituiu sobre alguns pilares humanos basilares, como o corpo da mulher e explica essa relação do feminino com a maternidade:

Desse modo, a análise da sexualidade, da procriação e da maternidade foi colocada no centro da teoria feminista e da história das mulheres. Em particular, as feministas colocaram em evidência e denunciaram as estratégias e a violência por meio das quais os sistemas de exploração, centrados nos homens, tentaram disciplinar e apropriar-se do corpo feminino, destacando que os corpos das mulheres constituíram

os principais objetivos — lugares privilegiados — para a implementação das técnicas de poder e das relações de poder (FEDERICI, 2017, p.32).

Por observarmos que quem constrói a narrativa dá o tom de como construímos o que compreendemos como mundo, podemos assim perceber que a elaboração escrita da experiência é uma grande ferramenta de ampliação do espaço feminino e para isso recorreremos à produções teóricas de mulheres, dentro de diferentes áreas das Ciências Humanas como com a já citada Silvia Federici na área da História; teorias de devir-mulher e da filosofia da diferença no campo da Filosofia; na construção psicológica e imagética desse ser mulher com a psicologia analítica e as Ciências do Imaginário, entre outras importantes influências nas Ciências Sociais e na Literatura. Como pano de fundo e auxílio metodológico para nossa pesquisa utilizaremos os conhecimentos propostos da perspectiva da biologia cultural de Ximena Davila e Humberto Maturana.

Procedimentos metodológicos

Nossa pesquisa além da importante revisão bibliográfica contará com a formação de grupos focais compostos por mulheres de diferentes gerações e de uma mesma árvore genealógica e, através de dinâmicas corporais e literárias, abriremos espaço para encontrar nas narrativas dessas mulheres rupturas e permanências nessa construção do que é ser mulher, mãe e filha, através de suas vivências desse mundo como se apresentou nessas diferentes gerações.

Buscar compreender o que move essas mulheres e as auxilia na superação de rotinas exaustivas e invisibilizadas, bem como a construção desse materno “exigido” são perguntas que movimentam nossa pesquisa. Em *O Segundo Sexo*, (1967), Simone de Beauvoir provoca com a reflexão: “Vimos sob que véus poéticos dissimulavam-se os encargos monótonos que lhe incumbem: casa, maternidade. Em troca de sua liberdade, presentearam-na com os tesouros falazes de sua "feminilidade". (BEAUVOIR, 1967, p. 489). Será essa construção “santificada” e assim mesmo destituída de materialidade do materno, uma forma de alienar as agentes desse processo e inculcar a ideia do “natural” a um processo que escraviza e sobrecarrega mulheres em todo o mundo?

Resultados

A Literatura e a arte da narrativa entram na reflexão de "quem" escreve, "para quem" se escreve e que narrativas compõem o que acreditamos ser realidade. Essa observação parte da consciência de que somos compostas pelas histórias que nos foram contadas. Refletir sobre a escrita também é refletir sobre a pesquisa, uma vez que como pesquisadoras também estamos construindo narrativas que serão base para novas reflexões e construções imagéticas da realidade.

Relacionando a maternidade, temos como objetivo mergulhar no imaginário construído (por quem e para quem) sobre a maternidade, partindo do pressuposto de que mesmo que a mulher opte por não ser mãe (um direito conquistado pela atual geração) de alguma forma, alguma maternagem segue sendo exigida dela. No livro *Um Amor conquistado: o mito do amor materno*. (1985), a filósofa Elisabeth Badinter faz uma revisão histórica da construção desse imaginário do que é ser uma “boa mãe” e como isso mudou conforme as sociedades e o que emergia delas. Ela questiona alguns mitos relacionados à maternidade, como a construção narrativa e imagética do amor materno como algo inato. A autora questiona:

Será absurdo dizer que à falta de ocasiões propícias ao apeto, o sentimento simplesmente não poderia nascer? Responder-me-ão que levanto por minha vez a hipótese discutível de que o amor materno não é inato. É exato: acredito que ele é adquirido ao longo dos dias passados ao lado do filho, e por ocasião dos cuidados que lhe dispensamos. É possível que a ausência do ser amado estimule nossos sentimentos, mas ainda assim é necessário que estes tenham existido previamente, e que a separação não se prolongue demasiado. (BADINTER, 1985, p. 14 e 15).

A partir dessa reflexão proposta pela filósofa poderíamos afirmar que o amor de mãe é o considerado infalível porque é também visto como algo compulsório. Alguém tem que ficar e cuidar, tendo em vista que somos uma espécie que nasce precisando de cuidados para que sobreviva. No caso das crianças esse cuidado foi designado socialmente quase exclusivamente às mães. O que me parece uma perda importante de liberdade para as mulheres e de crescimento e pertencimento humano aos homens.

Para finalizar esse resumo, sobre esta pesquisa que tem permeado nossos dias e vidas deixo um pequeno relato pessoal, construção da narrativa que estamos construindo enquanto pesquisadoras, mães, aprendizes e professoras.

Implicações da pesquisa

19 de março de 2024.

Em um retiro forçado na casa da minha mãe, pós-procedimento cirúrgico que removeu do meu útero (primeira casa da minha filha), elementos nocivos que não deveriam ter se fixado ali, em retorno às minhas atividades acadêmicas, permito-me refletir sobre os símbolos presentes nesse momento e nesses processos que se entrelaçam. Tem importância a vivência pessoal no processo de escrita e pesquisa?

Desde que iniciei essa pesquisa, para o processo de doutoramento em Educação, tenho olhado com outros olhos as experiências que me conduziram até aqui e que seguem se desenrolando, como que cada vez mais consonantes com os assuntos ao qual me dispus mergulhar.

A relação mulher, mãe e filha, unida a vida como pesquisadora no privado e no público é um aglomerado de cobranças (e autocobranças) de momentos bons e de surtos de exaustão. Vivencio na pele o não reconhecimento do trabalho que realizo com a maternidade e com o cuidado aos meus pais idosos, e busco harmonizá-lo com o trabalho remunerado e o sustento (sozinha) da casa. Posso, no entanto, dizer com certeza que sou privilegiada de estar discente e bolsista em um programa de pós-graduação com grande corpo docente de mulheres, que sensivelmente acolhem e auxiliam nessas demandas.

Para a construção do corpo teórico dessa pesquisa tenho acessado um lado muito bonito do humano. Junto aos campos teóricos que se abrem e nos encantam, o encontro que afeta com as colegas e professoras e o auxílio presente da orientadora, vai tecendo uma trama que, embora ainda não tenha definições, já possui o gênero de todo feto nos primeiros estágios da gestação: o grande feminino, a infinita potência. Todo feto deriva do feminino.

Essa é a imagem mais forte que tem se apresentado para mim nesse trabalho ainda embrionário: um grande e colorido tecido, construído por fios que se entrelaçam, formando desenhos novos, surpreendentes e preparando-se (na feminina escuridão) para nascer no mundo.

Participar de um congresso de progenitores (em especial mães), na academia, é um presente e uma semente de esperança. Esperança de que será mais fácil para nossas crias, de que mais caminhos estarão abertos para essa nova geração. De que elas (e eles) não precisarão

(ou se precisarem farão com mais segurança) explicar a importância do cuidado, do amor, e da presença para a continuidade da vida no planeta.

Parece algo óbvio, e é, no entanto não vejo nada mais importante (e urgente) do que dizer isso agora.

REFERÊNCIAS

BADINTER, Elisabeth. **Um Amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: 2. a experiência vivida**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017.